

Estudo de caso sobre estratégias de ação do PIBID no ensino de Geografia a partir da percepção de alunos

A case study about action strategies of the PIBID (Scholarship Institutional Program for future teachers) about Geography teaching from the students' perception

Un estudio de caso sobre las estrategias de acción del PIBID (Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia) en la enseñanza de Geografía desde la percepción de los alumnos

Jodainy Gregorio Ferreira

<https://orcid.org/0000-0001-8225-8651>

jodainygregorio@hotmail.com

Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil

Rosana das Graças de Souza

<https://orcid.org/0000-0003-1111-265X>

sanadesouza@yahoo.com.br

Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, SEED, Juiz de Fora, MG, Brasil

Gisele Barbosa dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-3947-6255>

barbosadossantosgisele@gmail.com

Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil

Resumo: Neste artigo analisa-se a experiência ocorrida no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) entre os anos de 2018 até janeiro de 2020 na EE Francisco Bernardino, em Juiz de Fora (MG). Buscou-se apreender a percepção de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio e apontar alternativas para a promoção de aulas mais atrativas e próximas de seu cotidiano. Posteriormente identificou alternativas de natureza teórica e prática para a elaboração de materiais e métodos didáticos que proporcionassem dinamicidade aos conteúdos abordados nas turmas do 6º ano. Os principais indicadores de maior atratividade foram: temáticas mais próximas do cotidiano dos estudantes; maior exposição de fenômenos naturais e sociais do espaço vivido; mais atividades extramuros. Ao longo de 2019 foram realizadas oficinas de música e poesia e o “globo em suas mãos”, o Jogo Geográfico da Paisagem, elaboração do Atlas Escolar Francisco Bernardino; trabalhos de campo como visita à Estação Climatológica da UFJF e estudo do relevo e sua interação com o Espaço Urbano de Juiz de Fora, empregando maquetes e mapas.

Concluiu-se que a elaboração de um repertório de atividades didáticas para o ensino de Geografia tendo como referência o interesse dos estudantes da escola integrados aos saberes de formação acadêmicos dos pibidianos contribuiu de maneira significativa para que o processo de ensino-aprendizagem ocorresse de maneira mais fluida.

Palavras-chave: Metodologias e materiais didáticos, Formação inicial de professores, Formação continuada de professores.

Abstract: This paper discusses the experience gotten on PIBID (Scholarship Institutional Program for Teaching Initiation) from 2018 to January 2020 at the State School Francisco Bernardino in Juiz de Fora city, Minas Gerais. We sought to capture the perception of both the 6th-grade elementary school and freshman high school students and point out alternatives for more attractive classes that would approach their daily lives. Subsequently, it was identified clues of practical and theoretical alternatives for materials making and didactical methods that would provide dynamism to the content discussed in the 6th-grade classes. The main notes for more attractivity were the thematic closer to the students' daily lives; better exposure of social and natural phenomena of the environment they live in; more extracurricular (outside school) activities. Some workshops were performed back in 2019 like poetry and music; "the globe in your hands"; the Landscape Geographic Game; the elaboration of the Francisco Bernardino's School Atlas; fieldworks like a field trip to the UFJF (Federal University of Juiz de Fora) Climatological Station; and the study of the relief and its interaction with the urban area of Juiz de Fora City, using models and maps for that. It has been concluded that the elaboration of didactical activities set for geography teaching, taking as reference the school students' interests linked to the "PIBIDIans" academic knowledge, has significantly contributed to a more fluid Teaching-Learning process.

Keywords: Didactic Materials and Methodologies, Teachers Initial Education, Continued Teacher Training.

Resumen: Este artículo analiza la experiencia que se produjo en el Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia entre los años de 2018 y enero de 2020 en la Escuela Estatal Francisco Bernardino, en la ciudad de Juiz de Fora en Minas Gerais. Se buscó aprehender cómo un grupo de estudiantes del sexto grado de primaria y 1º año de secundaria percibieron clases y señalar alternativas para la promoción de clases más atractivas y cercanas a su cotidiano. Posteriormente, ha identificado alternativas teóricas y prácticas para la elaboración de materiales y métodos didácticos que proporcionarían dinamismo a los contenidos dirigidos a las clases de geografía, optando por centrarse en las clases de sexto grado. Las principales notas para que las clases de geografía se volvieran más atractivas eran: que los temas abordados eran cercanos a la vida cotidiana de los estudiantes; que podrían saber más acerca de los fenómenos naturales y sociales del espacio vivido; que podría llevar a cabo actividades extramuros de la escuela. Durante el año 2019 se llevaron a cabo actividades como: taller de música y poesía, taller "Globo en tus manos", el Juego Geográfico del Paisaje, elaboración del Atlas Escolar Francisco Bernardino. Y trabajos de campo como: visita a la Estación Climatológica de la UFJF y el estudio del relieve y su interacción con el Espacio Urbano de la ciudad, en este último también se utilizaron maquetas y mapas durante la actividad. El estudio reveló que la elaboración de un repertorio de actividades didácticas para la enseñanza de la geografía, teniendo como referencia el interés de los estudiantes universitarios integrados al conocimiento de la formación académica de los pibidianos contribuyó significativamente para que el proceso de enseñanza-aprendizaje se realizara de una manera más fluida.

Palabras clave: Metodologías y Materiales didácticos, Formación inicial del profesorado, Formación Continuada de Profesores.

INTRODUÇÃO

As possibilidades de aprendizado no contexto real da escola suscita uma articulação entre a academia e a prática docente, um tema recorrente em estudos sobre formação de professores. Gatti e Nunes (2009) chamam a atenção sobre o destaque que é dado à teoria nos cursos de licenciatura, em detrimento da prática escolar docente, deixando a relação entre a teoria e a prática mais voltada para estudos sobre a escola e não sobre a atuação do professor no ambiente escolar.

Diante disso, pode-se destacar a relevância do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID). Trata-se de um Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência administrado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior), criado em 2007 nas instituições federais de ensino superior e regulamentado pelo Decreto n. 7219/2010 (Brasil, 2010):

Um diferencial nesse programa é a concessão de bolsas não só a estudantes das licenciaturas, mas também aos professores das universidades que os orientam (coordenadores de área), e também a professores de escolas públicas (chamados supervisores), que acompanham as atividades dos bolsistas no espaço escolar, atuando assim como coformadores no processo de iniciação à docência, em articulação com o formador da universidade (Gatti, André, Gimenes & Ferragut, 2014, p. 9-10).

Como bem apresentam Lopes, Gomes e Pereira Dias (2017, p.111):

[...] o Pibid se caracteriza como uma importante política pública educacional cujo foco central é o aperfeiçoamento do processo formativo e a valorização profissional dos professores para a Educação Básica.

O PIBID em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora atuou com 24 bolsistas, distribuídos em três escolas de Juiz de Fora (E. E. Francisco Bernardino, E. E. Presidente Juscelino Kubitschek; E. M. União da Betânia), no período de agosto de 2018 a janeiro de 2020. A proposta do projeto assumiu uma postura propositiva de observação, pesquisa, reflexão e ação, buscando inserir os alunos no universo escolar de forma a estimular o conhecimento, a observação, a proposição e a execução de atividades didático-pedagógicas que trabalhassem os conteúdos geográficos de forma inovadora e reflexiva.

As atividades desenvolvidas durante o PIBID foram bastante enriquecedoras para todos envolvidos: para os alunos dos cursos de licenciatura em Geografia, foi possível ter um contato maior com práticas escolares, com a dinâmica da escola pública, e com o diferentes atores e sujeitos, que faz de cada escola, um espaço sistêmico e único. Para os professores supervisores, foi possível uma reaproximação com as atividades de pesquisa e extensão realizadas na universidade. Para os coordenadores de área foi possível confirmar o que nos apresentam Lopes, Gomes e Pereira Dias (2017), que a dialogicidade que permeia as ações do PIBID não possuem hierarquias e todos os atores envolvidos contribuem como protagonistas para o melhor desenvolvimento dos bolsistas como futuros professores.

A motivação desta pesquisa se deu a partir de observações e reflexões dos bolsistas e da supervisora da escola em relação à dinâmica das aulas de Geografia, que viam sendo ministradas balizadas por práticas profundamente descritivas e expositivas. As aulas eram ministradas com pouca variação de recursos didáticos que permitissem uma abordagem do cotidiano vivenciado pelos alunos, que preconizasse a distribuição espacial de fenômenos, assim como, a relação recíproca entre o homem e o meio ambiente, inerente à perspectiva Geográfica. Com intuito de ampliar a participação dos alunos e buscar recursos didáticos lúdicos para “despertar” o maior interesse pela Geografia, foi realizado um trabalho integrado entre os bolsistas e a supervisora com o objetivo de conduzir o aprendizado, como mediadores na construção do conhecimento, mas buscando também atender expectativas dos estudantes em relação à condução e uso de recursos didáticos nas aulas.

Os resultados aqui apresentados se referem à atuação do PIBID na E.E. Francisco Bernardino, de grande importância, para entender a realidade e contexto de uma escola na região central, em uma cidade média da Zona da Mata Mineira, gerada na necessidade de compreender e olhar para os estudantes como sujeitos na produção do conhecimento, destacando a contribuição na construção do conhecimento geográfico. Sendo assim, no início do ano letivo de 2019 buscou-se conhecer a percepção dos estudantes da escola em relação à disciplina de Geografia, no campo teórico e prático. Num primeiro momento buscou-se, por meio de questionários, opiniões dos estudantes quanto à Ciência Geográfica, como ela se relaciona com cotidiano dos mesmos. Posteriormente investigou-se as dificuldades dos estudantes para o aproveitamento nas aulas, solicitando sugestões de práticas integrativas, para que os próprios estudantes fizessem parte, como sujeitos, da construção do conhecimento geográfico. Por fim, buscou-se elencar as afinidades dos estudantes com os conteúdos das aulas.

Para os pibidianos (professores em formação), dialogar com os estudantes que conviveriam por dezoito meses foi de extrema importância para analisarem quais seriam as melhores estratégias para o sucesso na construção do ensino de Geografia, partindo do pressuposto das experiências prévias dos alunos. Seguindo os dizeres de Barbosa (2016), a incorporação de inovações didático-pedagógicas seria uma maneira de contrapor uma organização dos tempos e espaços da escola inspirados no modelo seriado e disciplinar, com tempos cronometrados e espaços rígidos de aprendizagem, que pouco contribuem para um ensino contextualizado e consequente para o estudante.

A Geografia Escolar e seu papel na formação dos Pibidianos

A Geografia como disciplina escolar possui um importante papel na formação dos estudantes, visto que a aprendizagem do espaço geográfico é alicerçado intelectualmente como um produto social e histórico, servindo como instrumento para analisar e compreender a realidade em que se vive (Cavalcanti, 2011). Neste sentido, investigou-se por meio de questionários entender qual era a percepção sobre as aulas de Geografia e obter sugestões para que aulas se tornassem mais dinâmicas, visto ser esta também uma inquietação inicial da supervisora do PIBID.

A partir deste das informações coletadas juntos aos estudantes, lançou-se mão de recursos didáticos mais lúdicos, como trabalhos de campo, inserção de música e poesia, confecção de plantas e maquetes, por meio dos quais os estudantes buscassem incorporar de forma ativa os conteúdos trabalhados, como sujeitos do conhecimento, dentro da visão epistemológica geográfica, para que tais conteúdos foram tratados em sua forma, espacialidade, complexidade e historicidade.

Gatti (2014), nos diz que para uma formação inicial de professores satisfatória é necessário que os educandos atinjam um patamar desejável para além de conhecimentos disciplinares consistentes, mas que também sejam formados para atuar na educação básica com excelência nos saberes pedagógicos e saberes culturais. Neste sentido, Cavalcanti (2005) aponta que o futuro professor precisa ser sensível para criar uma ponte entre o saber científico e o saber cotidiano, para trazê-lo pedagogicamente para a realidade do aluno.

Na Geografia escolar o professor deve se utilizar desta sensibilidade para decodificar o saber científico a um saber a ser ensinado, não como uma síntese, mas como uma ressignificação do conteúdo,

Há necessidade de se fazer escolhas no universo de conhecimentos estudados na Universidade, como há necessidade de levar em conta a estrutura da própria disciplina, de rever e produzir um outro saber que considera a essência do pensamento geográfico e estudá-lo em sua essência com o público específico de alunos, considerando as faixas etárias, as classes sociais a que os alunos pertencem, as suas características culturais e econômicas e, sobretudo, os objetivos estabelecidos no projeto pedagógico da escola que precisam ser operacionalizados e transformados em atividades didáticas em sala de aula (Pontuschka, 2004, p. 150).

Lopes e Pontuschka (2011), ao investigarem práticas em sala de aula sobre saberes pedagógicos geográficos no cotidiano escolar, afirmam que para ensinar Geografia é necessário que o professor domine temas e conteúdos, sua significância social, seu sentido pedagógico e as formas mais adequadas de, em um determinado contexto, representá-los aos alunos. É importante tornar tais elementos interessantes e acessíveis para os alunos, e neste sentido apontam para o cuidado na escolha de exemplos, analogias, exercícios, atividades, metáforas, ilustrações, demonstrações, que estejam dentro do contexto dos estudantes.

Diante destas reflexões, as experiências que serão apresentadas neste artigo são baseadas na procura exaustiva dos pibidianos de Geografia da UFJF, em integrarem suas experiências acadêmicas, como professores em formação, dialogando com a supervisora da escola, que detém experiência no ambiente escolar e no Conhecimento Pedagógico Geográfico¹, e não obstante, procuraram ouvir dos alunos da escola, como viam os estudos e conteúdos geográficos, e como seria, para eles, construído de forma mais orgânica e atrativa.

1 Conhecimento Pedagógico do Conteúdo - CPC (Shulman, 2005a; 2005b): a prática docente tem como pressupostos a vivência dos alunos e das características do contexto de ensino e aprendizagem, integrar e gerir os conhecimentos científicos da base de conhecimentos para o ensino, procurando ajustar, transformar e inserir o conteúdo a ser ensinado, de maneira compreensível e relevante aos alunos.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa sobre a percepção dos estudantes em relação à Ciência Geográfica, foi realizada por meio de um questionário, com sete questões discursivas, para que os alunos expressassem suas opiniões sobre as aulas e a disciplina, e pudessem sugerir atividades que gostariam de realizar. Ele foi aplicado em quatro turmas da escola no mês de fevereiro de 2019, sendo duas do 6º ano do Ensino Fundamental e duas do 1º ano do Ensino Médio. Foram selecionadas as séries iniciais de cada ciclo, restritas à atuação da professora supervisora do PIBID, num total de 123 alunos entrevistados.

Foram feitas as seguintes perguntas: (1) O que é a Geografia na sua opinião? Para que ela serve? (2) Em que a Geografia está presente na sua vida? (3) O que mais tira sua atenção durante as aulas? (4) O que tornaria as aulas mais interessantes para você? (5) O que você mais gosta de estudar em Geografia? Por quê? (6) O que você menos gosta de estudar em Geografia? Por quê? (7) Escreva uma sugestão de atividade que você gostaria de realizar nas aulas de Geografia.

A análise das respostas se deu de duas formas distintas. Para as duas primeiras questões, as respostas forma mais completas, dissertativas, o que permitiu elaborar um discurso do sujeito coletivo. Para as demais questões os resultados foram tabulados de forma quantitativa em gráficos.

O método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) caracteriza-se por uma metodologia qualitativa desenvolvida para trabalhar com pesquisas empíricas em que se expõe a resposta do entrevistado com a mínima influência do pesquisador, gerando uma espécie de texto narrativo em primeira pessoa com as respostas,

Os DSC são depoimentos carregados de experiências e vivências coletivas; são opiniões individuais que, depois de passarem pelo crivo do pesquisador que, por intermédio das operações de abstração e conceituação as transforma em produto coletivo, retornam à experiência para um “banho de realidade” (Lefèvre & Mellin, 2017, p.18).

O DSC consiste em analisar o material coletado em questionários que têm depoimentos como sua matéria-prima, extraíndo-se de cada um destes depoimentos as ideias centrais e expressões semelhantes que demonstram um discurso-síntese (Figueiredo, Chiari & Goulart, 2013).

De acordo com Lefèvre e Lefèvre (2010), as representações sociais são elementos sóciocognitivos que os indivíduos utilizam para emitirem juízos ou opiniões resultantes do cotidiano de um grupo social, que partilha de uma determinada realidade. Neste trabalho buscou-se adaptar esta metodologia² para elencar as representações sobre a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem no âmbito da Geografia, incluindo-se dificuldades ou barreiras para a compreensão dos temas tratados, elementos positivos e negativos do cotidiano escolar para a aprendizagem geográfica, no que tange tanto aos conteúdos como

2 No contexto deste trabalho, a partir das respostas individuais dos alunos foram extraídos uma percepção coletiva da dinâmica das atividades da sala de aula, no contexto das aulas de Geografia, ou seja, em qual tipo de atividade as turmas tinham maior interesse, participação, atrelavam o conteúdo à realidade do espaço vivido.

aos meios pedagógicos que tais temas são trabalhados. Para tanto, o material escrito coletado nos depoimentos dos estudantes foram analisados, extraindo-se as Ideias Centrais (IC) e Expressões Chave (ECH), que após serem sintetizados compõem o Discurso do Sujeito Coletivo (Nagai et al., 2007). Após a definição do caráter coletivo do pensamento dos estudantes foi realizada a coletivização dos resultados em um texto síntese. Os dados referentes às respostas das perguntas de 3 a 7 organizados em gráficos foram apresentados como representativos da frequência de cada opinião e de sugestões dos estudantes sobre o ensino de Geografia.

Com o resultado da análise foram elaboradas propostas de práticas de ensino em Geografia realizadas de forma integrada entre os pibidianos e a supervisora do PIBID durante o ano letivo de 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percepção dos alunos sobre a geografia e sua presença no cotidiano

A estrutura da primeira pergunta permitiu aos estudantes buscar relacionar a Geografia escolar à resolução de questões de sua vida cotidiana. Os DSCs, apresentados a seguir reúnem diferentes conteúdos e argumentos que compõem uma mesma categoria, ou uma opinião que foi compartilhada por um conjunto de estudantes.

Texto 1: DSC - Respostas do 6º ano do Ensino Fundamental para a pergunta “O que é a Geografia na sua opinião? Pra que ela serve?”

A Geografia pra mim é uma matéria para aprender e estudar, para aprender sobre paisagens e relevos, localidade, montanhas, informação sobre a temperatura, descobrir cidades, estados e países, os planetas e climas. A Geografia ajuda a conhecer os lugares, interpretar mapas, rios, relevos, hemisférios, aprender sobre rios, temperaturas. Pra mim é o estudo de países, cidades, nós estudamos Geografia para saber mais sobre o ambiente. A Geografia é um pouco do Brasil, pra mim é uma matéria que nos ensina a nos localizar, para estudar os mapas, os vulcões, as placas tectônicas, enfim estudar sobre a natureza. Eu acho que a Geografia serve para ensinar sobre o mundo, ela serve para orientar, localizar, para ensinar como se lê um mapa, ela serve para aprender um pouco mais o que eu não sei. A Geografia é uma coisa que nos ensina a saber das coisas que eram muito antigas e muitas coisas na vida que um dia pode precisar. Para os políticos e militares ela serve para estudar o inimigo. Ela também é um estudo para aprender mais sobre o Brasil, ela serve para estudar os pontos colaterais e cardeais. Geografia é uma coisa que ajuda muito as pessoas, para ter conhecimento, para localizar as coisas. Serve pra aprender coisas novas, coisas que você nunca viu e nunca soube. É um conhecimento, ela serve para aprender algumas culturas do passado. Para tudo a Geografia serve.

Texto 2: DSC - Respostas do 1º ano do Ensino Médio para a pergunta “O que é a Geografia na sua opinião? Pra que ela serve?”

A Geografia pra mim é muito importante, ela serve pra conhecer um país quando formos visitar, a vegetação. Ela é a matéria que estuda várias regiões e clima diferentes de vários lugares para nos ajudar a entender melhor o espaço geográfico de um local, para estudar o planeta, os rios do mundo, terremoto, para percebermos a dimensão do mundo e para conhecermos a nacionalidade de outros países. A Geografia é o estudo sobre o espaço e as relações que nele ocorrem, um estudo necessário para aprendermos sobre o mundo e os eventos climáticos; ela ensina tudo sobre o mundo, as formas, as eras, as mudanças que ocorrem desde a sua criação, estuda o espaço, para trazer conhecimento de onde habitamos, nos ensina a estudar mapas, previsão do tempo, política, coordenadas, relevo, rochas, nosso solo, culturas diferentes de lugares diferentes, estuda as cidades, países, rios, montanhas, diferentes áreas, relevos. São clima, relevo e espaço. Pra mim ela é o planejamento do meio ambiente. A Geografia é para tirar dúvidas. A Geografia é importante para o conhecimento de áreas sociais e sócio espacial. Ela é útil para o desenvolvimento de atividades em que envolve cultura, localização, agropecuária. É uma forma de ciência, envolve conhecimentos de aspectos físicos e sociais de todo o planeta desde a composição da sociedade. É para conhecer o mundo, estrelas, tudo da galáxia e o que ocorre nela. É uma ciência de estudo do mundo de extrema importância, que estuda a relação que nós temos com o nosso planeta, assim conhecemos melhor o espaço e podemos agir de forma mais eficaz. A Geografia é a matéria que estuda o espaço, temperatura, nos ajuda a localizar e conhecer outras culturas. É o estudo dos acontecimentos físicos da terra, da formação de tudo e dos planetas no geral. A Geografia pra mim é o estudo da diversidade que existe no planeta, do conhecimento do mundo; é a ciência do espaço e relação que possui com o ser humano. É o estudo do espaço natural e as relações que ocorrem nele, serve para estudar fenômenos naturais, sendo físicos, biológicos ou humanos, e também entender o país melhor. Ela serve para saber como as coisas são formadas e vão evoluindo ou regredindo no decorrer dos anos, serve para ensinar curiosidades do mundo, conhecimento do meio ambiente. Para mim a Geografia serve para tudo na nossa vida. Na minha vida, ela serve para diversas coisas. Ela serve para nos fazer entender como tudo acontece. A Geografia é para entender o mundo, serve para termos um amplo conhecimentos de onde vivemos (planeta), para ajudar na localização, no clima e na criação de mapas e GPS. Serve na minha opinião pra se localizar melhor no país e no mundo. Ela é uma prática humana de conhecer o espaço onde se vive.

Ao analisarmos os dois DSCs, pode-se perceber uma maior integração entre o espaço vivido e a geografia no discurso dos estudantes do Ensino Médio, em detrimento ao discurso dos estudantes do Ensino Fundamental. Principalmente ao discorrerem sobre questões da apropriação da natureza pelo homem que desencadeia impactos ao ambiente e alteração na qualidade de vida. Tal fato, pode ser em parte interpretada pelo fato dos alunos estarem iniciando os estudos geográficos no Ensino Fundamental II, e a partir deste ponto, contam com professores licenciados em Geografia. À luz do que nos dizem Araújo e Guimarães (2015) a respeito do ensino de Geografia nos cursos de Pedagogia, ainda existe uma carência de carga horária e principalmente de conteúdo específicos nos cursos de Pedagogia.

Libâneo (2010) chama atenção para um descompasso na formação dos profissionais que atuam nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Professores dos anos iniciais precisam dominar conhecimentos e metodologias de conteúdos muito diferentes de diversas áreas, o que pode comprometer o aprofundamento de cada uma, enquanto os professores dos anos finais, preparados em licenciaturas específicas, possuem conteúdo denso de uma única área, o que por vez compromete as discussões pedagógicas.

A segunda questão busca entender se os estudantes se compreendem como sujeitos do espaço geográfico. Como nos diria Kaercher (1996), a Geografia não é só o que está no livro ou o que o professor expõe, ela se faz diariamente, quando os estudantes se deslocam para a escola, em qual tipo de transporte o fazem, como são os trajetos percorridos, ...

Texto 3: DSC - Respostas do 6º ano do Ensino Fundamental para a pergunta “Em que a Geografia está presente na sua vida?”

A Geografia está presente pra mim no tempo, para me localizar pela rosa dos ventos quando estou indo para a escola ou qualquer outro lugar, como o mercado, para estudar as localizações, municípios, estados, saber onde cada país fica, saber onde nasce o sol e onde se põe. Para ver os mapas tipo do museu, os movimentos de carros, motos, ônibus, ou quando vou viajar, quando vejo os mares. Quando quero diferenciar as matas se é tropical ou de pinhais, a localização da minha casa, no estudo dos lugares, espaço, relevo, GPS, mapas, nas paisagens que eu vejo, urbanas, rurais e florestais, praticamente em tudo. Ela tá presente no clima, no estado, na vegetação, na natureza, nas viagens, na sociedade, na moeda, nos estudos da vegetação, das descobertas sobre o mundo inteiro, em todo lugar e momento. Se não fosse a Geografia eu não saberia onde estou, eu preciso dela para aprender a ler um mapa. Eu uso a Geografia para estudar, aprender e tirar uma ótima nota nas provas.

Texto 4: DSC - Respostas do 1º ano do Ensino Médio para a pergunta “Em que a Geografia está presente na sua vida?”

Ela está sempre no nosso cotidiano, no conhecimento de curiosidades sobre as coisas. Várias coisas, previsão de terremoto, nos lugares que eu ando, nos GPS, nas correspondências, nos mapas, nas escolas, nos livros escolares e em cada pedaço do mundo. Quando eu preciso mapear mentalmente um caminho, fazer compras com produtos de agricultura e indústria, saber mentalmente o caminho a fazer. Ela está presente em várias áreas como: nos mapas, celular, GPS, paisagens quando eu viajo, sol, chuva, rios, lagos, mares. Presente no tempo, saber sobre os continentes, sobre os climas, onde está verão ou inverno, terremotos. Na escola, nos trabalhos e provas, na internet, nos morros que subimos, quando eu olho pro céu pra saber se vai chover. De várias formas, na política mundial, para entendermos por que ocorre o aquecimento global e para explicar diversas coisas do nosso cotidiano. A Geografia pra mim está na meteorologia, vegetação, na natureza, em quase tudo, no espaço, no meio urbano, no meu cotidiano, quando saímos na rua, nas notícias, no trajeto que faço diariamente, onde vou, onde moro, para acharmos um lugar onde não conhecemos. Em tudo, onde nós estamos, vamos ou iremos, nas várias paisagens diferentes que me deparo, na nossa cultura. Tanto no espaço que ocupo e também no meio ambiente. Na formação da sociedade e seus sistemas além do planejamento de espaço presente na cidade. No dia a dia, quando eu ando de ônibus, quando tenho que ler um mapa, em jornais, na televisão, em conhecer coisas que nunca ouvi falar, em tudo.

Diante dos textos apresentados é possível observar que a Geografia, na percepção dos estudantes pode ser apresentada como uma “matéria”, um “conhecimento”, um “estudo”, uma “coisa” ou uma “ciência”, e que possui uma relação muito forte do homem com a natureza. Para Ferreira e Bender (2015, p. 25254), “a Geografia é definida como uma ciência que estuda o espaço físico e o ser humano, e que ela produz um elo entre ambos esses agentes, destacando-se a sociedade”

A maioria dos alunos do Ensino Fundamental conseguiu expressar sua amplitude. Discorreram sobre uma geografia ambiental e social, mas muitos não conseguiram notar a importância e influência de modo geral que ela tem no cotidiano. Já os alunos do Ensino Médio revelaram uma completude maior sobre o que seria a Geografia, comentaram sobre política, indústria e aquecimento global, vislumbra-se aqui uma visão mais sistêmica dos conteúdos estudados. Com essas respostas observou-se que os alunos citam mais conteúdos que estão aprendendo e presenciando no momento. E como os estudantes do Ensino Médio possuem maior bagagem dos anos anteriores em temas geográficos, suas respostas consequentemente são mais amplas, englobando mais conteúdos e conseguindo, minimamente realizar integrações com o espaço vivido. No período em que foi feita esta pergunta os estudantes do 6º ano estavam estudando a rosa dos ventos, portanto, em boa parte das respostas este elemento foi citado.

Diante dos discursos apresentados fica evidente a necessidade de se estabelecer estratégias para aumentar a dialogicidade entre os conteúdos discutidos em sala de aula e o cotidiano dos estudantes, ressignificando o espaço vivido, afim de se extrapolar conteúdos e construir uma geografia do cotidiano. Andreis (2019) salienta a importância de balizar a prática da Geografia Escolar na categoria do cotidiano relacionado com o lugar e o território, este último entendido como produto da apropriação e da valorização simbólica de um grupo em relação ao espaço vivido. E não como o cotidiano tratado enquanto senso comum, como informações sobre a atualidade dos lugares do mundo.

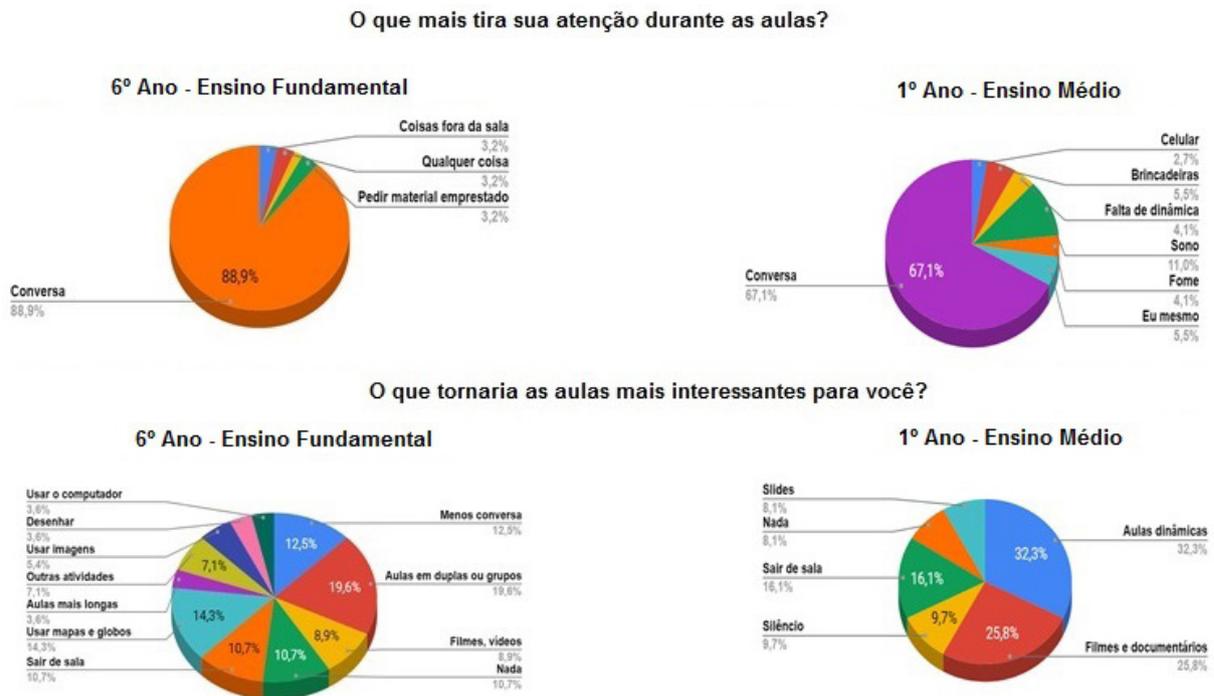
De acordo com Santos (2012), a educação geográfica deve ser entendida como o lugar do aluno ou de suas vivências, e que estas devem ser mobilizadas na educação geográfica, usando-as como ponto de partida para a discussão do lugar, que por sua vez é considerado como uma categoria de análise geográfica que se refere ao espaço vivido, onde se estabelecem as relações de pertencimento.

As dificuldades enfrentadas nas salas de aula e seus caminhos

Para aquelas questões mais sintéticas, a construção dos DSC ficou comprometida por respostas muito curtas, portanto os dados foram apresentados em gráficos que ilustram as opiniões dos estudantes diante da Geografia escolar.

Ao serem questionados sobre aspectos negativos nas aulas de Geografia, a maioria dos estudantes, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, respondeu que a conversa seria a grande vilã da falta de atenção durante as aulas (Fig. 1). Portanto, apontaram um fator cognitivo comportamental, como entrave para a aprendizagem, e não algum elemento específico de esfera da Geografia escolar. Os alunos afirmaram ainda que mesmo cientes que a conversa seja um elemento que prejudica a aprendizagem, por vezes o modo como o conteúdo de Geografia é apresentado de forma pouco criativa, faz com que atenção deles seja facilmente dispersa. Este dado nos remete ao trabalho de Guimaraes e Bartikoski (2018), o qual reflete sobre uma mudança de paradigma, ou seja, recomenda-se que a interação em sala de aula seja vista como algo profícuo para a aprendizagem, mesmo que o professor tenha que reorientar o seu agir, e sempre que necessário, cabe ao professor ampliar o lugar de fala dos estudantes, deixando lacunas nos diálogos sobre os conteúdos geográficos, que devem inserir a realidade do lugar, para que os alunos complementem de acordo com suas próprias características. Mas como a conversa em excesso pode revelar falta de motivação e de acordo com Lourenço e Paiva (2010), a motivação no contexto escolar tem sido avaliada como um determinante crítico do nível e da qualidade da aprendizagem e do desempenho, e apontam que um aluno motivado revela-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, insistindo em tarefas desafiadoras, independente do conteúdo.

Figura 1: Percepção dos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio sobre as aulas de Geografia.



A falta de dinâmica das aulas é outro grande problema para os alunos do Ensino Médio, eles deixam de prestar atenção nas aulas quando tudo fica “na mesma” e assim acabam se distraindo com outras atividades paralelas. Em contrapartida, para ambas as séries existe uma diversidade de recursos didáticos e dinâmicas disponíveis que contribuem de forma significativa para combater os problemas em questão.

Diversos elementos pedagógicos foram citados, como possibilidades para tornarem as aulas de geografia mais atrativas (Fig. 1). Os estudantes do Ensino Fundamental citaram mais elementos que os estudantes do Ensino Médio. Para os primeiros, trabalhar em grupo seria mais interessante para discutir os conteúdos geográficos, pois estimularia a conversa voltada para os assuntos da aula, e conseqüentemente diminuiria a conversa paralela (esta diminuição foi exatamente o segundo elemento mais citado por eles). As demais respostas apontaram para a diversificação de material didático, como a utilização de desenhos, imagens, mapas, globo terrestre, além de desejarem aprender fora da sala de aula, o que inclui visita à biblioteca ou sala de informática, exposições de filmes e documentários, *slides* para melhor visualização do conteúdo, jogos geográficos e criação de maquetes.

Já entre os estudantes do Ensino Médio, o principal fator (32,3%) apontado para a melhoria das aulas estaria ligado ao aumento de seu dinamismo. Para tanto, sugeriram a exibição de filmes e documentários (25,8%), além de desejarem realizar atividades fora da sala de aula (16,1%).

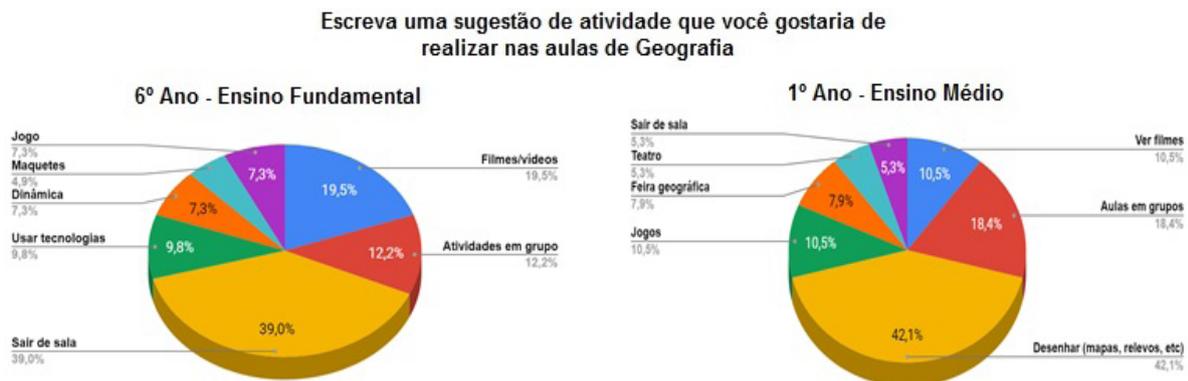
Mesmo com tantos impasses, é de extrema importância utilizar as possibilidades presentes para realizar atividades diferentes. A evolução da tecnologia no século atual contribuiu para uma grande mudança de comportamento social, os jovens em questão são

os mais suscetíveis. Computadores e celulares, com acesso a jogos, redes sociais e aplicativos em geral estão cada vez mais presentes na infância das crianças do que livros físicos.

Foi notório a percepção de todos os estudantes de que o dinamismo e a diversificação de práticas escolares são de suma importância para que eles tenham mais interesse nas aulas e conteúdos de Geografia. Neste ínterim, a utilização de recursos tecnológicos e midiáticos, que por vezes já fazem parte da realidade dos estudantes entrevistados, devem ser utilizados como mecanismos de aprendizagem. Para Moran (2004, p. 349) “a escola pode ser um espaço de inovação, de experimentação saudável de novos caminhos, não sendo necessário romper com tudo, mas implementar mudanças e supervisioná-las com equilíbrio e maturidade”.

Ao serem questionados, mais especificamente, sobre quais atividades trariam mais dinamismos às aulas de Geografia, a maioria dos estudantes do Ensino Fundamental apontou o desejo de realizarem atividades fora da sala de aula (39,0%). Já entre os Estudantes do Ensino Médio, 42,1% apontaram o desejo de trabalharem na elaboração de diferentes mapas temáticos. Outras atividades, já apontadas na questão anterior, sobre o que tornariam as aulas mais interessantes, voltaram a aparecer, como ilustra a Figura 2.

Figura 2: Sugestões dos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio sobre as aulas de Geografia.



No contexto do ensino de Geografia, o ato de sair da sala de aula é uma metodologia muito comum no Ensino Superior, por meio dos trabalhos de campo. Muitas vezes desencorajados no Ensino Fundamental e Médio, pois tal atividade prevê um planejamento logístico e, por vezes financeiro, que infelizmente pode ser precário nas escolas públicas. O trabalho de campo para o ensino de Geografia na educação básica seria um elemento de ruptura com um ensino tradicional, pouco dinâmico e abstrato dos conteúdos e traria uma observação de aspectos da vivência natural e social da realidade dos estudantes (Mafra & Flores, 2017).

Já a sugestão de interatividade com mapas e desenhos remete-se a inúmeras possibilidades de metodologias cartográficas no âmbito da Geografia, chama-se a atenção para a cartografia espacial do cotidiano dos alunos (Cavalcanti, 2002; Callai, 2005). Também a utilização de mapas mentais para enriquecer o ensino de Geografia, “capaz de instrumentalizar

o aluno e suas representações, para que possam identificar sua importância como agentes na construção e apreensão do espaço a partir de suas vivências, do seu cotidiano, da sua realidade e visão de mundo” (Kozel Teixeira & Nogueira, 1999).

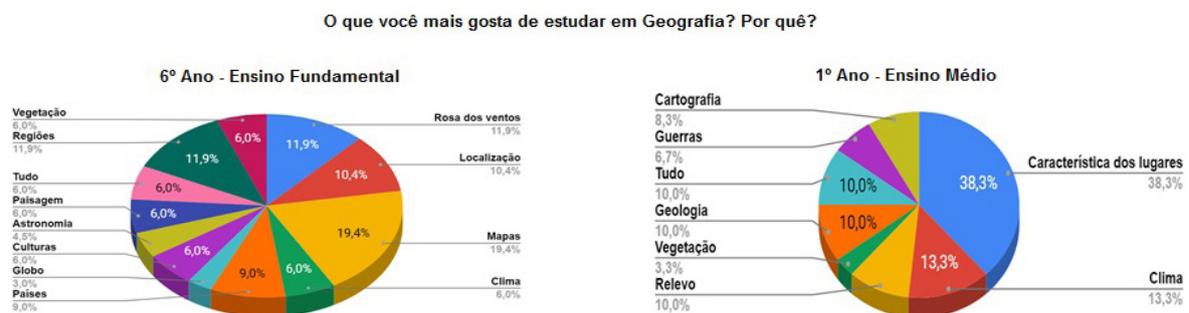
Neste sentido, Picado (2009) chama atenção para que o educador considere a sala de aula como um espaço de diálogo, de vivência e convivência, buscando um ponto de equilíbrio entre os conteúdos e a realidade dos estudantes, para que a disciplina e o prazer caminhem juntos, para suprir a falta de recursos.

A afinidade dos alunos com os conteúdos

Para finalizar o diagnóstico sobre a percepção dos estudantes entrevistados, foram investigados os temas mais e menos atrativos da Geografia escolar. As respostas, em geral, apresentaram uma gama diversificada de temas (Fig. 3). Dentre os estudantes do Ensino Fundamental, chama-se a atenção para a aderência aos estudos de mapas (19,4%) e localização (10,4%), ambos atrelados à Cartografia escolar. Para Francischett (2007, p. 2), “o grande e principal desafio do ensino de Cartografia é tornar-se crítico, para tanto, recomenda que os materiais didáticos específicos dos conteúdos cartográficos traduzam experiências voltadas para a vivência de seu(s) autor(es)”. Neste sentido, cartografar elementos e instrumentos de localização presentes no espaço de vivência dos alunos permitiria a construção de uma cartografia crítica e ainda mais atrativa para os estudantes, e ao mesmo tempo desafiadora para os professores.

Já para os estudantes do Ensino Médio o destaque, entre os temas mais agradáveis da Geografia escolar, foram as características dos lugares. O conceito de lugar na Geografia escolar foi abordado por Leite (2018), que aponta a necessidade de que este conceito seja tratado com uma visão multiescalar para a construção/consolidação da noção de cidadania.

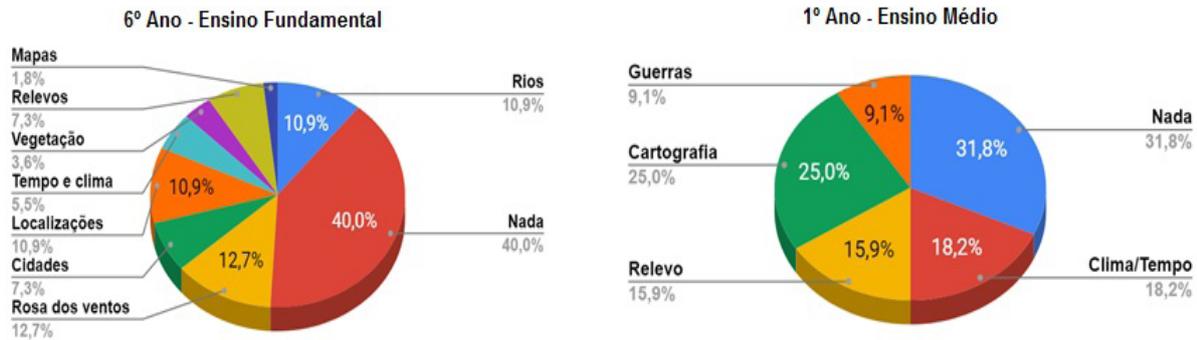
Figura 3: Aspectos positivos do 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio sobre os conteúdos das aulas de Geografia.



Quanto aos temas menos atrativos da Geografia, a maioria dos estudantes apontou que, de forma geral, a maioria dos temas os agradam. No total de respostas dos questionários 40,0% dos estudantes do Ensino Fundamental e 31,8% do Ensino Médio apontam que nada é desagradável nos estudos geográficos (Fig. 4).

Figura 4: Aspectos negativos do 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio sobre os conteúdos das aulas de Geografia.

O que você menos gosta de estudar em Geografia? Por quê?



É perceptível que a Cartografia aparece como um tema pouco atraente para os Estudantes do Ensino Médio. Tal perspectiva pode estar atrelada a forma de abordagem da cartografia escolar, já que 42,1% deste grupo traz a sugestão dos mapas temáticos, ficando evidente a questão da metodologia de ensino não ser satisfatória no que concerne a este tema.

Como este grupo apontou ser favorável aos estudos do lugar, faz-se necessário trabalhar uma cartografia mais próxima do cotidiano dos alunos, praticando-se a alfabetização cartográfica, para que sua interpretação seja facilitada, isto pode ocorrer em certa medida pela, construção das próprias representações cartográficas dos estudantes (Almeida & Nogueira, 2009).

Proposta, realização e análise de atividades didáticas dos pibidianos

O diagnóstico traçado a partir da percepção dos alunos entrevistados serviu de base para a reflexão dos pibidianos, que buscaram as principais referências, tanto de conteúdos da Geografia, quanto à mediação destes na Geografia escolar. A partir destas reflexões foi possível a proposição de alternativas didáticas orientadas para práticas educativas que possibilitassem mais articulação, dinamização e flexibilização do processo de ensino e de aprendizagem, focando na melhoria de dificuldades apontadas pelos estudantes, e aos mesmo tempo fortalecendo os apontamentos positivos na construção do conhecimento geográfico.

Por meio do levantamento da percepção dos estudantes sobre o conteúdo e as aulas de Geografia, revelados a partir da tabulação e interpretação das entrevistas realizadas, foram propostas algumas atividades para as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental³ (Quadro 1). Estas atividades procuraram contemplar as sugestões sinalizadas pelos estudantes com o intuito de aproximar a Geografia do cotidiano dos mesmos, procurando diversificar os recursos didáticos para os diferentes conteúdos geográficos. Abordaram

³ Embora os questionários tenham sido aplicados em duas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental e duas do 1º ano do Ensino Médio, por conflitos de agenda em março de 2019 as atividades ficaram restritas apenas às turmas do Ensino Fundamental.

a produção de material didático, trabalhos de campo e visitas técnicas, principalmente levando em consideração o maior dinamismo nas aulas, o desejo de realizar atividades externas à sala de aula, dentre outras, já explicitadas na apresentação dos DSC e nos gráficos que apresentaram as diversas respostas dos estudantes.

Quadro 1: Atividades propostas para o ano letivo de 2019.

ATIVIDADE PROPOSTA	OBJETIVO	OCORRÊNCIA
OFICINA DE MÚSICA E POESIA	Estimular que os alunos observem e interajam com seus respectivos espaços de vivência, e se atentem nas composições musicais, estimulando assim, a interpretação, os questionamentos e a busca por profundidade naquilo que ouvem e visualizam. E escrita de poesias sobre o bairro onde os discentes residem.	Fev./2019
O JOGO GEOGRÁFICO DA PAISAGEM	Demonstrar a importância da observação para a ciência geográfica e que essa encontra-se em desenvolvimento a cada dia, sendo essencial sua percepção de forma holística. Por meio de uma forma metodológica que se diferenciase do tradicional livro e lousa, já que o contexto atual configura-se por grandes alterações, principalmente, no que tange aspectos tecnológicos.	Mar./2019
CONSTRUÇÃO DO ATLAS ESCOLAR	Desenvolver atividades com a participação ativa dos alunos na produção dos mapas que posteriormente foram utilizados na confecção do atlas. Por meio do Atlas os alunos deveriam conhecer melhor a escola, como ela está inserida no bairro e as vivências dentro da escola.	Abr./2019
O GLOBO EM SUAS MÃOS	Consolidar vários conceitos do tópico Introdução à Cartografia: projeções cartográficas, zonas térmicas, dentre outros.	Set./2019
VISITA À ESTAÇÃO CLIMATOLÓGICA DA UFJF	Conhecer como funciona uma Estação Climatológica para cimentar os assuntos tratados em Climatologia, partindo do ensino de climatologia do local de vivência do aluno, pois a maioria dos fenômenos atmosféricos e/ou climáticos se manifestam e são percebidos pela sociedade em seu espaço imediato.	Out./2019
O RELEVO DE JUIZ DE FORA	Compreender o relevo da cidade de Juiz de Fora e sua importância para a expansão urbana e ocupação territorial da cidade, por meio de uso de mapa, maquete e trabalho de campo.	Out./2019

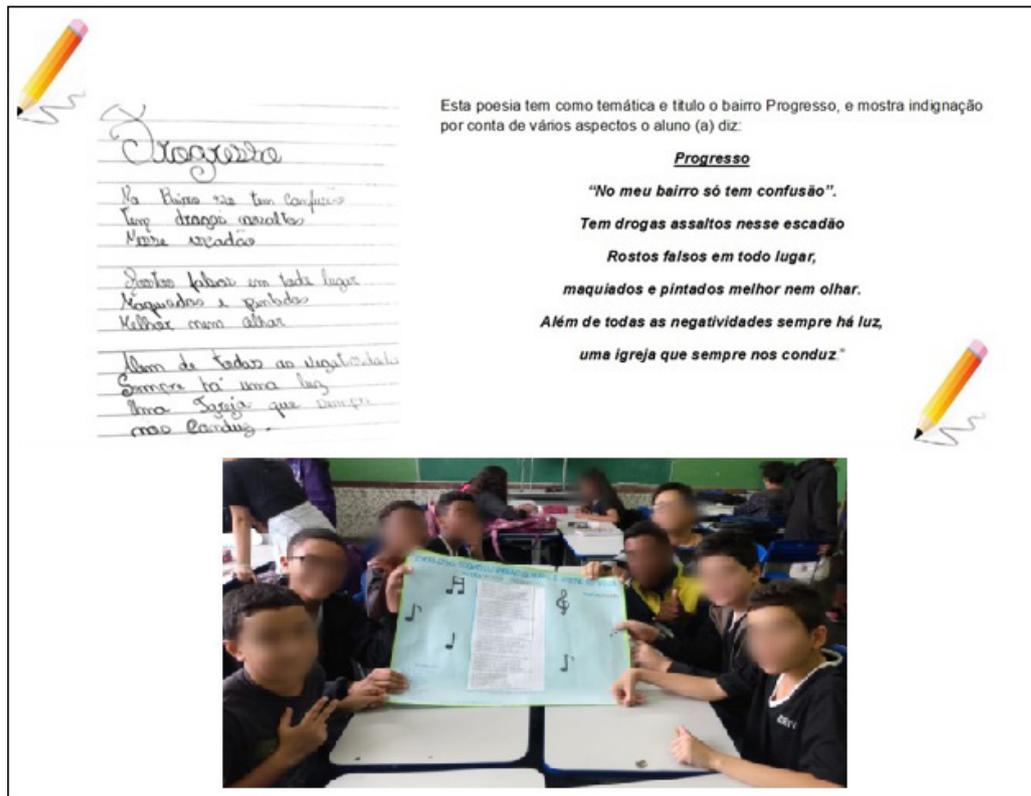
Em fevereiro de 2019 foi realizada a *Oficina de Música e Poesia* com o objetivo a discussão a respeito da música como ferramenta metodológica complementar no ensino de Geografia na Educação Básica. Estes elementos podem influenciar o processo de aprendizagem de conceitos e na formação de uma consciência espacial e crítica, entendendo que essa formação está inteiramente ligada ao diálogo, reflexão e contato do aluno com o seu espaço de vivência.

Foram pré-selecionados cinco ritmos musicais, sendo eles o carimbó, vanerão, funk, baião e sertanejo. Cada um desses ritmos têm sua origem ou forte ligação com uma parte do Brasil. A atividade proporcionou abordar o conteúdo de regionalização através associação das músicas, mas, além disso, fez com que os alunos prestassem atenção no ritmo, na melodia, e na composição em busca do reconhecimento de características que os remetesse a sua região de origem. Assim como constataram Fuini, Santos, Damião e Rios (2012), a utilização de músicas em sala de aula estimulou a interação do aluno com o saber escolar através de seus instrumentais cognitivos como de observar, localizar, compreender,

descrever, representar, permitindo que a conversa, fato apontado por muitos estudantes como obstáculo à aprendizagem, foi canalizada para a discussão de temáticas da geografia regional, amparada no respeito e na diversidade cultural brasileira.

Já na elaboração das poesias, os estudantes foram estimulados a escreverem sobre o bairro onde moram, elencando temas referentes aos conteúdos discutidos nas aulas de Geografia. A Figura 6, traz uma das dezenove poesias produzidas pelos estudantes. Neste texto pode-se perceber que o estudante trata de temas relacionadas a conflitos sociais e religiosidade. Ao relacionar a criminalidade ao escadão, o estudante traz à baila a oportunidade de se discutir as relações de poder que estão intrinsecamente ligadas ao conceito de território, que segundo Haesbaert e Limonad (2007), é um organismo histórico e social, que reflete as relações de poder concreto e/ou simbólico, envolvendo simultaneamente, sociedade e espaço geográfico. Por sua vez, Souza (2013) caracteriza o espaço geográfico como processos naturais que moldam a superfície terrestre e condiciona a ocupação humana. O que oportunizou um bom ambiente de debate e reflexões sobre esta temática em sala de aula, de forma palatável dentro do contexto de vivência dos alunos. Enaltecendo como um grupo se apropria de um território e se organiza sobre ele, criando relações de territorialidade, que se configura como a relação entre os agentes sociais, políticos e econômicos que interferem na organização do espaço.

Figura 6: Poesia elaborada pela observação do espaço vivido de um estudante e atividade com músicas regionais.



Fonte: acervo pessoal das autoras (fev./2019).

Em setembro de 2019 foi realizada a atividade *O Globo em suas mãos*, desenvolvida com o objetivo de consolidar vários conceitos do tópico “Introdução à Cartografia” (Fig. 7). Os alunos foram distribuídos em grupos de quatro integrantes e cada grupo recebeu um Globo Terrestre para manuseio, consolidando conceitos relacionados às formas de representação do planeta Terra e as distorções que ocorrem.

Em seguida as atividades trabalhavam os Movimentos de Rotação e Translação, Zonas, térmicas, Linhas imaginárias, Hemisférios. Para a realização das mesmas os alunos simularam os movimentos, fizeram uso de uma lanterna para simular os raios solares, e leram as informações inscritas sobre o globo. Por fim foi solicitado aos alunos escrevessem nomes de países e oceanos que atendessem determinados critérios consolidando os conceitos de terras emersas e destruição das águas oceânicas.

Figura 7: Alunos manuseando o globo terrestre para a atividade *O Globo em suas mãos*.



Fonte: acervo pessoal das autoras (set./2019).

Muitos dos estudantes nunca tinham tocado em um globo terrestre antes e o primeiro contato durante a atividade gerou euforia na turma, que mostrou-se curiosa e animada em manusear e investigar todos os elementos que o compunham. Para Schäffer, Kaercher, Goulart e Castrogiovanni (2005) o uso do globo terrestre nas aulas de Geografia suscita indagações e desperta curiosidade.

Em outubro de 2019 foi realizada uma visita ao campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com o intuito de atender à reivindicação de atividades extra muros. Em um primeiro ponto os estudantes puderam observar o centro da cidade de Juiz de Fora, quando foi discutido o relevo e sua influência na expansão urbana da cidade, por meio da utilização de uma maquete construída em curvas de nível utilizando carta topográfica. A análise da cidade, por meio da observação da paisagem (Fig. 8) permitiu aos alunos perceber que, como evidenciou Chaves (2012), a ocupação urbana de Juiz de Fora desenvolveu-se inicialmente nos vales do rio Paraibuna e, na medida de seu adensamento, foi ocupando os vales secundários formados pelos afluentes desse rio, onde se percebe uma forte verticalização das edificações. A expansão urbana atual avança em quase sua totalidade para vertentes mais íngremes, muitas vezes de forma desordenada, acarretando profundas alterações no espaço urbano. A respeito deste fato, os estudantes comentaram as notícias de telejornais sobre os deslizamentos na cidade, sempre recorrentes

nos meses mais chuvosos de dezembro a março, o que também foi abordado na visita à Estação Climatológica da UFJF.

A estação meteorológica convencional da UFJF é composta por vários sensores isolados que registram continuamente os parâmetros meteorológicos (pressão atmosférica, temperatura e umidade relativa do ar, precipitação, radiação solar, direção e velocidade do vento, etc.). Os estudantes puderam associar as explicações do técnico com os eventos que eles observam durante as estações do ano na cidade. As atividades práticas foram definidas por Coelho, Almeida, Carmo e Sousa (1999) como atividades que confrontam os saberes do aluno com a realidade, permitindo a este a construção do seu próprio conhecimento. Neste trabalho de campo foi possível o manuseamento de materiais por parte dos alunos, permitindo que eles desempenhassem um papel ativo na construção dos conhecimentos.

Figura 8: Visita ao Campus da UFJF: (a) Bolsista do Pibid explicando o relevo de Juiz de Fora para os alunos; (b) vista da cidade de Juiz de Fora a partir da Estação Climatológica; (c) Alunos atentos à explicação sobre o funcionamento do pluviômetro.



Fonte: acervo pessoal das autoras (out./2019).

Além das atividades fora da sala de aula, os estudantes também revelaram o interesse em trabalharem com mapas, daí por meio de diversas etapas, como trabalho de campo no quarteirão da escola e análise minuciosa do interior da escola, foram elaborados croquis, e também sobre a utilização dos espaços por todos os alunos da escola. Sabendo da importância dos mapas na formação dos alunos, para que eles possam ser bons leitores, mas também desenvolver o senso de localização geográfica, foram desenvolvidas atividades com a participação ativa dos alunos na produção dos mapas para uso posterior na confecção do atlas doado à instituição para ser utilizado pelos professores e alunos (Fig. 9).

Nas atividades com participação ativa dos estudantes para a elaboração do atlas foram levados em consideração o conteúdo de escala, importante elemento trabalhado em cartografia escolar (Lopes & Lima, 2015). Por meio do atlas os alunos puderam conhecer melhor a escola, como ela está inserida no bairro e as vivências dentro da escola. Diante disso, a percepção dos alunos e do professor sobre espaço escolar foi enriquecida e ampliada. Além disso, os estudantes mostraram-se interessados e concentrados em realizar as atividades de mapeamento, atuando como sujeitos na construção cartográfica do espaço por eles vivido, o que demonstra que a atividade no exterior da sala de aula foi eficaz para a construção do conhecimento da cartografia escolar.

Figura 9: (a) Mapa do quarteirão da escola feito por uma aluna; (b) Atlas Escolar Francisco Bernardino; (c) Estudante manuseando o Atlas durante a aula de Geografia.



Fonte: acervo pessoal das autoras (a: maio/2019); (b e c: fev./2020).

Já a figura 10 ilustra uma atividade preparada por uma das pibidianas. Trata-se de um jogo no formato de um quebra-cabeça, com o intuito dos estudantes analisarem e compreenderem as diferentes paisagens apresentadas na imagem que compõe o cotidiano desses indivíduos. Apresenta-se como um ponto importante para o entendimento das diferenciações espaciais e o papel do sujeito na região em que mora e onde se localiza a escola. Para Breda, Picanço e Zacharias (2013) jogos elaborados a partir do espaço vivido do público alvo, com materiais e dinâmicas atrativas, de fácil acesso e aplicação, estimulam o aprendizado ao despertar a curiosidade e um esforço natural de vencer desafios. Esta atividade permitiu que os alunos trabalhassem de forma coletiva, uns ajudando os outros, aguçassem a curiosidade e a vontade de aprender e interpretar a organização urbana do bairro da escola.

Figura 10: Jogo do Quebra-Cabeça Geográfico.



Fonte: acervo pessoal das autoras (maio/2019).

Todas as atividades propostas mostraram que o manuseio de um objeto diferenciado, uma visita técnica e trabalho de campo, ou até mesmo uma volta no quarteirão e corredores da escola, pode ser considerada por muitos um obstáculo de difícil logística, no entanto tais atividades marcaram de diversas formas os estudantes que delas participaram. O resultado positivo das atividades realizadas pode ser relacionado à fala de Lima (2013, p. 234), no sentido de que “à medida que o sujeito cognoscente infere e reflete sobre a construção do conhecimento, o mundo e o próprio homem se mostram ressignificados em suas múltiplas manifestações”, não podendo nos afastar também de um exercício

importante para a formação docente, vivenciada e experienciada pelos pibidianos, que atuaram neste espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção dos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental em relação à disciplina de Geografia na Escola Estadual Francisco Bernardino subsidiaram a atuação de bolsistas do PIBID de Geografia da UFJF. Esta interlocução entre os estudantes da escola e os professores em formação do PIBID, demonstrou ser uma importante ponte para ambos.

Conhecer a percepção dos estudantes da escola a respeito das aulas e conteúdos foi muito importante para o aprimoramento e bom funcionamento, dentro e fora da sala de aula. Para além, do foco nos estudantes, ressalta-se a importância deste trabalho para os pibidianos e para a professora supervisora do programa, pois ao longo do projeto foi possível construir um caminho evolutivo e de discussão horizontal, entre atores da docência, no âmbito de formação inicial e continuada.

Trazendo à tona as reflexões de Tardif (2002) e Tardif e Lessard (2005) sobre as articulações entre a prática docente e os saberes seria necessário dominar, integrar e dinamizar tais saberes. Diante disso, a atuação do Projeto PIBID na escola permitiu aos bolsistas de forma empírica articularem os conhecimentos teóricos (*saberes da formação profissional*) com as questões da prática de sala de aula (*saberes experienciais*). Tal dialogicidade proporcionou que os conhecimentos acadêmicos fundamentassem as práticas profissionais destes docentes em formação. E por fim, os *saberes curriculares* vieram à tona por meio de uma ressignificação de informações que obtiveram como alunos trazendo-os de forma mais palatável para os estudantes da escola.

A oportunidade dos alunos da licenciatura em Geografia em vivenciar o cotidiano escolar, partilhar pontos de vista, saberes, inquietações e expectativas, foi de extrema relevância na perspectiva da formação dos futuros professores de Geografia, foi possível perceber a relevância do PIBID para escola, devido ao empenho e participação de toda a comunidade escolar, que colaboram para a construção da Geografia Escolar, e de se verem como sujeitos deste constante processo.

REFERÊNCIAS

Almeida, L.C., & Nogueira, R.E. (2009). Iniciando a alfabetização cartográfica. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, 6(7), 117-125.

Andreis, A.M. (2019). O cotidiano como dimensão científico-didática da Geografia no projeto da escola. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, 9, 44-67.

Araújo, S.M., & Guimarães, I.V. (2015). O Ensino de Geografia em Cursos de Pedagogia a Distância. *Interação*, 40, 119-138.

Barbosa, M.E.S. (2016). A Geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades. *Revista Ensino de Geografia*, 7, 82-113.

- Brasil. Decreto n. 7.219 de 25/06/2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e dá outras providências. Recuperado de www.capes.gov.br
- Breda, T.V., Picanço, J.L., & Zacharias, A.A. (2013). Possibilidades para a alfabetização cartográfica a partir de jogos e sensoriamento remoto. *Terrae*, 9, 41-48.
- Callai, H.C. (2005). Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Cadernos CEDES*, 25(66), 227-247.
- Cavalcanti, L.S. (2002). *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Alternativa.
- Cavalcanti, L.S. (2005). Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. *Cadernos CEDES*, 25(66), 185-208.
- Cavalcanti, L.S. (2011). Ensinar Geografia para a autonomia do pensamento. *Revista da ANPEGE*, 7, 179-190.
- Chaves, T.S. (2012). Expansão Urbana e Degradação de Encostas mm Juiz De Fora - MG: Um Estudo de caso do Alto Três Moinhos e do Morro do Imperador. *Meridiano -Revista de Geografia*, 1, 313-333.
- Coelho, A.C., Almeida, A.F., Carmo, J.M., & Sousa, M.N.R. (1999). Educação em Ciências. *Actas do Encontro Nacional de Educação em Ciências*. Algarve, Portugal, 7. pp. 144-178.
- Ferreira, G., & Bender, A.J. (2015). Geografia Escolar: A Percepção dos Alunos do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Padre Eduardo Michells. *Anais do Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*. Curitiba, PR, 12. 25251-25265. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17402_7508.pdf
- Figueiredo, M.Z.A, Chiari, B.M., & Goulart, B.N.G. (2013). Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualitativa. *Distúrbios da Comunicação*, 25(1), 129-136.
- Francischett, M.N. (2007). A Cartografia Crítica. *Anais do Encontro de Prática de Ensino de Geografia*. Niterói, RJ, 9. pp. 1-14.
- Fuini, L.L., Santos, J.L., Damiano, C.A.E., & Rios, G. (2012). A música como instrumento para o ensino de Geografia e seus conceitos fundamentais: Pensando em propostas para o trabalho em sala de aula. (*Para Onde!?*, 6, 206-216.
- Gatti, B.A. (2014). Formação Inicial de Professores para a Educação Básica: pesquisas e políticas educacionais. *Estudos em Avaliação Educacional*, 25, 24-55.
- Gatti, B.A., André, M.E.D.A., Gimenes, N.A.S., & Ferragut, L. (2014). *Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)*. São Paulo: FCC/SEP.
- Gatti, B.A., & Nunes, M. (2009) *Formação de professores para o ensino fundamental: estudo de currículo das licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas*. São Paulo: FCC. (Textos FCC, 29).
- Guimarães, A.M.M., & Bartikoski, F.V.M. (2018) Práticas de Linguagem em sala de aula como reveladoras de mudanças na Profissionalidade Docente. *Ling. (dis)curso*, 18(2), 359-373.
- Haesbaert, R., & Limonad, E. (2007). Território em tempos de globalização. *Revista Etc., Espaço, Técnica e Crítica*, 2(1), 39-52.
- Kaercher, N.A. (1996). A geografia é o nosso dia-a-dia. *Boletim Gaúcho de Geografia*, 21(1), 109-116.
- Kozel Teixeira, S., & Nogueira, A.B. (1999). A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. *Revista do Departamento de Geografia (USP), Humanitas*, 13(1), 239-257.
- Lefèvre, F., & Lefèvre, A.M.C. (2010). *Pesquisa de Representação Social*. Brasília: Liberlivro.
- Lefèvre, F., & Mellin, A.S. (2017). *Discurso do Sujeito Coletivo. Nossos modos de pensar. Nosso eu coletivo*. São Paulo: Andreoli.
- Leite, C.M.C. (2018). O conceito de lugar na perspectiva da Geografia Escolar. *Itinerarius Reflectionis*, 14(2), 1 -15.
- Libâneo, J.C. (2010). O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos de ensino fundamental nos currículos de cursos de pedagogia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 91, 562-583.

- Lima, E.G. (2013). A constituição dos sujeitos e a produção de conhecimentos: pontuações acerca da pesquisa sobre o livro didático de história. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP*, 94, 232-248.
- Lopes, C.S., Gomes, S.A.F., & Pereira Dias, R. (2017). Diálogos de formadores: o ensino e a aprendizagem da docência no âmbito do Pibid geografia. *Geografia Ensino & Pesquisa*, 21, 110-117.
- Lopes, C.S., & Pontuschka, N.N. (2011). Mobilização e construção de saberes na prática pedagógica do professor de Geografia. *Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais*, 2, 89-104.
- Lopes, J.J.M., & Lima, R.J. (2015). A cartografia nas mãos e nas vozes das crianças. *Instrumento*, 17, 237-242.
- Lourenço, A.A., & Paiva, M.O.A. (2010). A motivação escolar e o processo de aprendizagem. *Ciências & Cognição*, 15(2), 132-141.
- Mafra, M.V.P., & Flores, D.A.C. (2017). Trabalho de Campo no Ensino da Geografia na Educação Básica: Dificuldades e Desafios para professores. *Revista de Ensino de Geografia*, 8, 6-16.
- Moran, J.M. (2004). A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. *Contrapontos*, 4(2), 347-356.
- Nagai, R., Lefèvre, F., Lefèvre, A.M.C., Steluti, J., Teixeira, L.R., Zinn, L.C.S. ..., & Fischer, F.M. (2007). Conhecimentos e práticas de adolescentes na prevenção de acidentes de trabalho: estudo qualitativo. *Revista de Saúde Pública*, 41(3), 404-411.
- Picado, L. (2009). A indisciplina em sala de aula: uma abordagem comportamental e cognitiva. Instituto Superior de Ciências educativas Portugal. *PsicoLogia*, 1-14. Recuperado de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0484.pdf>
- Pontuschka, N.N. (2004). Geografia, representações sociais e escola pública. *Terra Livre*, 15, 145-154.
- Santos, L.P. (2012). A relação da Geografia e o conhecimento cotidiano vivido no lugar. *Geografia Ensino & Pesquisa (UFSM)*, 16, 107-122.
- Schäffer, N.O., Kaercher, N.A., Goulart, L.B., & Castrogiovanni, A.C. (2005). *Um Globo em Suas Mãos: práticas para a sala de aula*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- Shulman, L.S. (2005a). El saber y entender de la profesión docente. *Estudios Públicos*, 99, 195-224.
- Shulman, L. S. (2005b). Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. Profesorado. *Revista de Currículum y Formación del Profesorado*, 9(2), 1-30.
- Silva, E.S.C., Silva, C.S., & Silva, J. (2014). A Importância dos Projetos de Iniciação à Docência: o PIBID e suas contribuições para o ensino da geografia nas escolas públicas. *Anais do Encontro da Iniciação à Docência/ Encontro da Formação de Professores da Educação Básica*. Campina Grande, PB, 2. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2014/Modalidade_1datahora_21_10_2014_16_57_49_idinscrito_535_e3d272165a92fafc1c335ac79c030831.pdf
- Souza, M.L. (2013). *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. 2.ed. Petrópolis: Vozes.
- Tardif, M., & Lessard, C. (2005). *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes

Data de submissão: 10/jun./2020

Data de aceite: 22/set./2021

Data de publicação: 15/fev./2022